

Entrevista

Guilherme Garrido impulsionador do Festival A Porta

“A Porta é uma manta de retalhos gigante”

Jacinto Silva Duro

jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

■ Como foi que surgiu a ideia de criar o Festival A Porta, que acontece em Leiria, entre 1 e 5 de Outubro?

Percebi que havia espaço para um evento como este... Já tinha organizado o Festival Megafone, em 2005, com o Paulo Maciel... e tinha sido uma loucura. Na ocasião, fiquei com a maior parte do trabalho de organização e foi uma coisa gigantesca para o puto que eu era. Desta vez, não queria fazer um evento apenas com a minha curadoria e queria que ele reflectisse a regeneração e actividade cultural e social que Leiria tem neste momento, sendo que a origem deste fervilhar vem de entidades - associações - privadas e do cidadão comum. A minha ideia foi juntar todas as associações culturais locais. Tinha um plano estruturado na cabeça, com áreas de acção específica e várias ideias. Haverá gastronomia, música, actividades fora de portas, documentários e oficinas, neste festival que tem uma grande componente de reaproveitamento de espaços urbanos. Na verdade, não há uma pessoa à frente do festival, já que a organização e responsabilidade são partilhadas por cerca de dez pessoas.

Quais são os objectivos desta Porta?

Há tempos, vim tocar com a minha banda, os Melhor Amigo, à sala d'O Nariz, mesmo no centro de Leiria, e, no final do espectáculo, alguém perguntou se, “depois” eu iria “lá abajo, à cidade”. Achei estranho. Parecia que estava a uns 40 quilómetros de Leiria. Fez-me muita confusão. Há um epicentro que é a Praça Rodrigues Lobo, onde eu cresci a jogar à bola, mas há zonas ao lado ao abandono. A Porta é uma manta de retalhos gigante e um piquenique o mais partilhado possível. Queremos descentralizar Leiria. A cidade está cada vez melhor a nível pedonal e de acessos, mas, se for preciso, as pessoas metem-se no carro para ir da Praça Rodrigues Lobo ao Beat... que fica a dois minutos a pé. Tive a ideia de ir falar com os lojistas da rua direita e fazer dela uma espécie de rua Miguel Bombarda, no Porto. Conseguimos seis ou sete lojas que vão ser usadas em oficinas, exposições, concertos. Durante A Porta, no dia 2, até haverá jantares e concertos em casa de pessoas anónimas.

Sofre do velho problema dos criadores portugueses? Reconhecidos apenas quando vão para o estrangeiro?

Sou daqueles que começam no estrangeiro e só depois aparecem em Portugal. Tive a sorte de ter sido convidado, em 2005, para o Impulse Dance Festival, em Viena, que é um grande festival europeu de dança contemporânea, e, em 2006, ganhei uma das 60 dance web european scholarship (uma bolsa). Em 2007, fui morar para a Bélgica e fui trabalhar com o Pieter Ampe. Foi o meu primeiro trabalho profissional. Foram dois duelos e um quarteto.

Um dos duetos, Still Standing You, é um grande sucesso...

Já o apresentámos 97 vezes, rodámos a Europa toda e fomos aos melhores festivais do Canadá e EUA. Em Outubro, vamos a Seul, na Coreia do Sul. É um espetáculo sobre a vida, sobre amor, desejo, sobre estar cansado, sobre precisar de ser arrastado, sobre rivalidades, intimidades e cumplicidades. Eu e o Pieter passámos por muita coisa juntos. Estivemos muito dentro da vida um do outro em muitas fases. Foi com ele e com este trabalho que conheci o mundo quase todo.

O que diz a sua mãe quando o vê dançar nu em palco?

Nada... nada... Eu já ando nu há muitos anos. Sempre gostei e, sempre que posso, ando nu. O meu pai demorou mais tempo a aceitar. Dizia-me: “andas a



O meu pai dizia-me: “andas a andas a ganhar dinheiro com a tua pilinha dançante, não é?”

ganhar dinheiro com a tua pilinha dançante, não é?” Demorou bastante tempo a ir ver o meu dueto com o Pieter, não pela nudez, mas por aquilo que ouvia acerca da exigência física e da intimidade. Quando foi ver, adorou. Pediu-me desculpa por ser um pai à antiga e por não gostar de ver o filho a sofrer em palco. “Pai, é teatro. É um wrestling contemporâneo, mas é o meu trabalho. Não te preocipes.” Quando a minha avó foi ver o espectáculo, veio ter comigo e disse: “gostei muito de ver a tua pilinha a dançar”. Tenho a sorte de ter uma família muito aberta.

Como é a sua visão da dança contemporânea?

A dança contemporânea é uma coisa muito ampla e distinta, enquanto o ballet clássico tem as variante alemã, russa e francesa. Há dança contemporânea que não se dança, outra só com vídeo, outra que tem bases do ballet e até a minha peça com o Pieter que é mais de “gladiadores dos tempos modernos”. Gostava muito de organizar um evento de dança em Leiria, colocando pessoas em comunicação, criando espaço para o encontro e novos projectos em conjunto. Neste tempo de crise, está na hora de as pessoas se juntarem para fazer coisas, mais do que esconder o seu osso o mais fundo que conseguirem, no seu quintal.

A paternidade mudou alguma coisa em si?

Preocupo-me com coisas que, antes, nem imaginava que existiam. Estou aberto a muitas coisas que, antes, jamais equacionaria. Antes de o meu filho nascer passei por uma fase em que temi que a paternidade me fosse retirar alguma da minha liberdade. De repente, quando o Lucas nasceu, trouxe muita ponderação à minha vida e um amor desmedido que eu nunca senti antes. Agora percebo o que é dar a vida por alguém. Ele acabou por vir emancipar muitas coisas na minha vida. Aquela coisinha, virgatinha de tantos preconceitos da sociedade, seden-

to de informação levou-me numa viagem fantástica. A banda Melhor Amigo, com o Antonio Pedro Lopes, nasceu mais ou menos ao mesmo tempo que o meu filho. Desde os 15 anos que tenho bandas, mas nos últimos meses, as coisas começaram a ser mais à séria. Os primeiros espectáculos foram em Madrid e Paris. Foi quase um laboratório artístico ambulante. A título pessoal, também tenho um projecto que se chama *Bandido e o coração pirata*, com muito rock'n'roll e energia.

Perfil

O estudante do corpo

Natural de Leiria, Guilherme Garrido morou na cidade até aos 18 anos. Depois partiu para Caldas da Rainha e para a licenciatura em Artes Plásticas, variante Escultura, na Escola Superior de Artes e Design. Como as matérias ensinadas estavam mais voltadas para a acepção clássica da arte, o criador dedicou-se a estudar paralelamente fotografia, vídeo, música e performance. Foi-se apercebendo que crescia, dentro de si, uma grande vontade de pesquisar e aprofundar o estudo do corpo. Ficou-se pelo bacharelato e partiu da ESAD.CR para o Porto para procurar novos ensinamentos de dança. Encontrou-os no Forum Dança. Deixou-se ficar pela cidade entre 2004 e 2008. “Fiz dois cursos de dança e abri a associação cultural 555”, recorda. Pelo meio, foi programador do Maus Hábitos e viveu na Alemanha. Em 2009, fixou-se em Lisboa, enquanto iniciava a digressão de três peças de dança, em parceria com o centro de artes Campo, de Ghent, Bélgica. “Hoje, a minha vida é costumizar motos, mudar fraldas, fazer festivais em Leiria e dançar com a pilinha na Coreia.”